

a vingança serve-se fria
parte dois
joe abercrombie

Tradução de Susana Sousa e Silva



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

V

PURANTI

«Porque os mercenários são desunidos, ambiciosos, indisciplinados e infiéis; corajosos entre amigos; cobardes diante do inimigo; não temem a Deus, nem são fiéis às promessas feitas aos homens; evitam a derrota, porque fogem ao combate; em tempo de paz, serás espoliado por eles; em tempo de guerra, pelos teus inimigos.»

Nicolau Maquiavel

Durante dois anos, metade das Mil Espadas fingiu combater contra a outra metade. Nos momentos em que estava sóbrio o suficiente para conseguir falar, Cosca vangloriava-se de que em época alguma da História um punhado de homens amealhara tanto por fazer tão pouco. Esvaziaram os cofres de Nicante e Affoia e, quando o inesperado acordo de paz veio gorar as suas esperanças de aumentarem o seu pecúlio, rumaram a norte em busca de novas contendas que lhes rendessem proventos ou de contratantes ambiciosos dispostos a semear a discórdia.

Ninguém era mais ambicioso do que Orso, o novo grão-duque de Talins, atirado para a cadeira do poder depois de o irmão mais velho ter levado um coice do seu cavalo preferido. Não perdera tempo a assinar uma Carta de Compromisso com a famosa mercenária, Monzcarro Murcatto. Tanto mais que, havia pouco, os seus inimigos da Etreia haviam entregado o comando das suas hostes ao infame Nicomo Cosca.

Porém, não foi fácil obrigá-los a guerrearem-se. Como dois cobardes que andam em círculos, observando-se, antes de uma rixa, passaram uma época entretidos com manobras ruinosamente onerosas que causaram grandes prejuízos aos camponeses da região, mas os deixaram quase incólumes. Por fim, depois de muito instados, iam defrontar-se nos campos de trigo maduro situados nas imediações da aldeia de Afieri, onde uma batalha parecia iminente. Ou algo muito parecido, pelo menos.

Nessa noite, Monza recebeu uma visita inesperada na sua tenda. O duque Orso em pessoa.

— Excelência, não esperava...

— Dispensem as formalidades. Sei o que Nicomo Cosca tenciona fazer amanhã.

Monza franziu a testa.

— Suponho que tencionará combater, assim como eu.

— Não pretende fazer nada disso, e vós também não. Haveis passado os últimos dois anos a zombar dos vossos contratantes. Não estou interessado em passar por um idiota. Se me apetecer assistir a batalhas fictícias, vou ao teatro e pago muito menos. Por isso, pagar-vos-ei a dobrar para lutardes com ele a sério.

Monza não estava à espera daquilo.

— Eu...

— Deveis-lhe lealdade, bem sei. Respeito isso. Todos temos algo a defender na vida. Mas Cosca é o passado e eu decidi que vós sois o futuro. O vosso irmão concorda comigo.

Monza não estava, decididamente, à espera daquilo. Olhou para Benna, que lhe correspondeu com um sorriso rasgado.

— É o melhor a fazer. Mereces assumir o comando.

— Não posso... os outros capitães jamais...

— Já falei com eles — disse Benna. — Exceto com Fiel, mas esse burro velho acabará por se aliar a nós quando perceber para que lado sopra o vento. Estão fartos de Cosca, das suas bebedeiras e das suas loucuras. Querem um contrato longo e um comandante de quem possam orgulhar-se. Querem-te a ti.

O duque de Talins observava-os com atenção. Não podia mostrar-se relutante.

— Sendo assim, aceito, naturalmente. Fiquei convencida quando vos ouvi dizer que nos pagaríeis a dobrar — mentiu.

Orso sorriu.

— Tenho a sensação de que vamos entender-nos bem, general Murcatto. Aguardarei com impaciência pela notícia da vossa vitória, amanhã.

E retirou-se.

Quando a aba da tenda desceu, Monza deu uma bofetada ao irmão e deitou-o ao chão.

— Que fizeste tu, Benna? Que fizeste?

Ele fitou-a, carrancudo, levando uma mão à boca ensanguentada.

— Pensei que ficarias satisfeita.

— Não, merda! Pensaste que tu ficarias satisfeito. Espero que estejas.

No entanto, não havia nada que pudesse fazer a não ser perdoar-lhe e tirar o melhor partido da situação. Era seu irmão. A única pessoa que verdadeiramente a conhecia. Além disso, tinha a aprovação de Searia, Victus, Andiche e da maioria dos outros capitães. Estavam cansados de Nicomo Cosca. A decisão era irreversível. No dia seguinte, quando o Sol espreitava a oriente e todos se preparavam para o combate, Monza ordenou aos seus homens que atacassem em força e com determinação. Que mais poderia fazer?

Ao anoitecer, estava sentada na cadeira de Cosca, com Benna ao seu lado, sorrindo de contentamento, e rodeada pelos seus capitães, agora ainda mais ricos, brindando à sua primeira vitória. Todos se riam, menos ela. Pensava em Cosca, em tudo o que ele fizera por ela, no quanto lhe devia e no modo como lhe retribuiria. Não estava com ânimo para festejos.

Além do mais, era capitã-general das Mil Espadas. Rir estava fora de questão.

SEIS

Os dados rolaram e saíram dois seis. Na União, chama-se a isso fazer sóis, numa alusão ao sol que figura na sua bandeira. Em Baol, diz-se duplo ganho, pois a casa paga a dobrar. Em Gukhul, usam a designação Profeta ou Imperador, consoante o apostador seja leal a um ou ao outro. Em Thond, é o doze de ouro. Nas Mil Ilhas, doze ventos. Na Segurança, o carcereiro é apelidado de dois seis, pois sai sempre a ganhar. Em todas as regiões do Círculo do Mundo, é uma pontuação saudada com grande alegria, mas para Amistoso era uma combinação igual a qualquer outra, nem pior, nem melhor. Não ganhava nada com ela. Voltou a concentrar-se na enorme ponte de Puranti e nas tropas que a atravessavam.

Os rostos das estátuas, no cimo das altas colunas, podiam ter sido reduzidos a uns meros borrões crivados de buracos, o pavimento podia estar rachado e desgastado pelo tempo e o muro de proteção podia estar em ruínas, mas os seis arcos continuavam de pé, altos e graciosos, elevando-se sobranceiros sobre o precipício vertiginoso até ao fundo. Os grandes pilares de pedra de onde nasciam, com uma altura seis vezes superior a seis passos largos, ainda desafiavam o ímpeto violento das águas. A despeito dos seus seiscentos anos de existência, a ponte imperial era ainda a única maneira de vencer a ravina profunda do rio Pura, nesta época do ano. O único acesso por terra à Óspria.

O exército do grão-duque Rogont atravessava a ponte em fileiras

ordenadas compostas por seis homens marchando lado a lado. A cadência monótona das suas botas soava como uma forte pulsação misturada com o tinido e o estridor das armas e dos arneses, as exclamações ocasionais dos oficiais, o burburinho constante da multidão de curiosos que os observava e a vibração enérgica do rio que corria muito abaixo deles. O desfile prosseguira durante toda a manhã, primeiro por companhia, depois por batalhão e, finalmente, por regimento. Florestas em movimento feitas de pontas de lanças, metal cintilante e couro guarnecido com tachões. Rostos determinados, sujeitos empoeirados. Estandartes orgulhosos pendendo molemente no ar devido à falta de vento. A fileira número seiscentos passara pouco antes. Cerca de quatro mil homens haviam já cruzado a ponte, faltando outros tantos, pelo menos. Seis a seis, seis a seis, avançavam sem parar.

— Boa organização. Para uma operação de retirada. — Em Visserine, a voz de Shivers atrofiara e tornara-se um sussurro gutural.

— Se há coisa que Rogont sabe fazer é organizar uma retirada. Experiência não lhe falta — resmungou Vitari com desdém.

— É impossível ignorar a ironia — refletiu Morveer enquanto observava a travessia das tropas com um certo ar de desprezo. — As orgulhosas legiões de hoje marcham sobre os derradeiros vestígios do império perdido de ontem. É o que sempre acontece com o esplendor militar. Húbris feita carne.

— Quanta profundidade! — Murcatto fez uma careta. — Viajar na companhia do grande Morveer é, sem dúvida, uma experiência prazerosa e educativa.

— Sou um filósofo e um envenenador numa única pessoa. Mas, *por favor*, não vos preocupeis, as duas competências estão incluídas nos meus honorários. Remunerai-me pelos meus conhecimentos inesgotáveis, o veneno é de graça.

— A nossa maré de sorte parece não ter fim — retrucou ela com aspereza.

— Terá chegado a começar? — murmurou Vitari.

O grupo estava agora reduzido a seis elementos, todos mais irritáveis do que nunca. Murcatto, cabeça enfiada no capuz, sob o qual caíam, soltos e escorridos, os cabelos negros, deixando apenas visíveis o nariz e o queixo afilados e os lábios contraídos. Shivers, ainda com metade da cabeça enfaixada e a outra descorada e o único olho encovado numa órbita escura. Vitari, que estava sentada no parapeito com as pernas esticadas e os ombros encostados a uma coluna partida, o rosto sardento virado para o Sol radioso. Morveer, que fitava as águas agitadas com o sobrolho franzido, acompanhado da sua discípula, que descansava perto dele. E Amistoso, naturalmente. Seis.

Cosca estava morto. Apesar do seu nome, Amistoso raramente fazia amizades duradouras.

— Por falar em remuneração — disse Morveer com uma voz indolente —, devíamos efetuar uma visita ao banco mais próximo para fazer um levantamento. Detesto ter dívidas pendentes com quem me contrata. Deixa um travo amargo no que, não fora isso, seria uma relação doce como o mel.

— Doce — resmungou Dia, entretida com um pedaço de bolo, embora fosse impossível saber se estava a referir-se à guloseima ou à relação.

— Devis-me o pagamento pelo meu papel no desaparecimento do general Ganmark, um papel periférico é certo, mas vital, já que vos permitiu escapar à vossa própria morte. Além disso, tenho de substituir o equipamento que foi destruído, de forma tão negligente, em Visserine. Não preciso de vos recordar, mais uma vez, que se me tivésseis autorizado a fazer desaparecer os nossos problemáticos camponeses, como eu desejava, não teria havido...

— Chega — ciciou Murcatto. — Não vos pago para me recordardes os erros que cometo.

— Imagino que esse seja outro serviço gratuito.

Vitari desceu do parapeito. Dia engoliu o último bocado de bolo e lambeu os dedos. Estavam todos prontos para partir, à exceção de Amistoso, que ficou imóvel a olhar para a água.

— Está na hora de partir — disse Murcatto.

— Sim. Eu volto para Talins.

— Tu o quê?

— Sajaam ficou de me mandar notícias para cá, mas não chegou nenhuma carta.

— Talins fica longe. Há uma guerra em curso...

— Estamos na Styria. Há sempre uma guerra em curso.

Ela fitou-o por momentos, os olhos quase escondidos debaixo do capuz. Os outros observavam-nos, nenhum deles muito comovido com a sua partida. As pessoas raramente se emocionavam quando ele partia, e ele também.

— Tens a certeza? — perguntou ela.

— Tenho.

Conhecera metade da Styria — Westport, Sipani, Visserine e quase tudo o que havia entre esses lugares — e detestara-a. Quando ficava sentado na casa de fumo de Sajaam a sonhar com a Segurança, costumava sentir-se apático e assustado. Agora, esses longos dias, o odor da capuchinha, os intermináveis jogos de cartas e as poses afetadas, as idas aos bairros decrepitos para receber dinheiro, os ocasionais episódios de violência, previsíveis e bem

estruturados, pareciam-lhe um sonho feliz. Aqui, onde o céu era diferente todos os dias, não havia nada que lhe interessasse. Murcatto representava o caos e não queria ter mais nada que ver com ela.

— Nesse caso, fica com isto. — Ela tirou uma bolsa do interior do casaco.

— Não vim por causa do teu dinheiro.

— Fica com ele na mesma. É muito menos do que mereces. Pode tornar a viagem mais fácil.

Deixou que ela depusesse a bolsa na palma da sua mão.

— Que a sorte te acompanhe — disse Shivers.

Amistoso acenou com a cabeça.

— Hoje, o mundo é regido pelo seis.

— Então, que o seis te acompanhe.

— Há de acompanhar, quer eu queira, quer não.

Amistoso recolheu os dados com a parte lateral da mão, embrulhou-os cuidadosamente no respetivo pano e guardou-os no interior do casaco. Sem olhar para trás, misturou-se com a multidão de transeuntes que enchiam a ponte, avançando contra a corrente interminável de soldados e sobre o curso de água interminável. Deixando ambos para trás, dirigiu-se à zona mais pequena e mais pobre da cidade, na margem ocidental do rio. Ocuparia o tempo a contar o número de passos até Talins. Já dera trezentos e sessenta e seis desde que se despedira...

— Senhor Amistoso!

Virou-se bruscamente, franzindo o sobrolho, as mãos prontas a agarrar na faca e no cutelo. Uma figura reclinava-se, preguiçosamente, num umbral um pouco afastado da rua, botas e braços cruzados e o rosto completamente oculto pelas sombras.

— Estava longe de imaginar que te encontraria aqui. — A voz era extremamente familiar. — Bom, tu percebes mais de probabilidades do que eu, mas temos de concordar que não deixa de ser uma feliz coincidência.

— Temos, sim — replicou Amistoso, começando a sorrir ao dar-se conta de quem se tratava.

— Sinto-me como se me tivesse saído um par de seis...

O CONSTRUTOR DE OLHOS

A sineta soou quando Shivers empurrou a porta e entrou na loja, logo seguido por Monza. O interior estava mergulhado na penumbra, apenas iluminado por um feixe de luz saturado de pó que entrava pela janela e se derramava sobre um balcão de mármore, deixando na sombra uma parede forrada de prateleiras. Ao fundo, sob uma candeia suspensa, estava uma grande cadeira com um apoio de couro para a cabeça. Tinha um aspeto convidativo, não fora pelas correias para prender quem nela se sentava. Numa mesa ao seu lado, havia um conjunto de instrumentos muito bem arrumados. Lâminas, agulhas, pinças, alicates. Os instrumentos de um cirurgião.

Noutros tempos, o aposento ter-lhe-ia provocado um calafrio que não destoaria do seu nome¹, mas agora não. Haviam-lhe arrancado um olho com um ferro em brasa e ele sobrevivera para aprender a lição. Pouco haveria no mundo capaz de o aterrorizar. Sorriu ao pensar em como tudo o assustava antes. Tinha medo de tudo e de nada. Sorrir repuxava a ferida enorme sob as ligaduras e deixava-lhe o rosto em brasa, por isso parou.

O toque da sineta alertara um homem que saiu por uma porta lateral, esfregando as mãos nervosamente. Era um indivíduo baixo e moreno com um rosto triste. Estava ansioso, não sabendo se se encontravam ali para o roubar, uma forte probabilidade, dada a proximidade do exército de Orso.

¹ *Shivers*, que em português significa «calafrios» ou «arrepios». (N. de T.)

A inquietação era geral em Puranti e todos receavam perder os seus haveres. Todos, exceto Shivers. Ele não tinha muito a perder.

— Cavalheiro, minha senhora, em que posso ser-vos útil?

— Scopal é o teu nome? — perguntou Monza. — O construtor de olhos?

— Sou Scopal, sim — curvou-se numa vénia nervosa —, cientista, cirurgião, médico, especialista em todos os campos relacionados com a visão.

Shivers desfez o nó que prendia a ligadura atrás da cabeça.

— Isso basta — e começou a desenrolar a ligadura. — Acontece que perdi um olho.

Estas palavras deixaram o cirurgião animado.

— Oh, não digais que o perdestes, caro amigo!

Aproximou-se da luz que entrava pela janela.

— Não digais que o perdestes antes de eu ter oportunidade de observar os danos! Ficaríeis admirado com o que é possível fazer. A ciência progride e avança todos os dias!

— É bastante desembaraçada a sacana, não é?

Scopal riu-se entre dentes, indeciso.

— Ah!... É muito elástica. Já consegui restaurar parte da visão em homens que se julgavam cegos para toda a vida. Chamaram-me mágico! Imaginai! Disseram que eu era... um...

Shivers acabou de retirar a ligadura, sentindo o ar frio na pele dormente, e aproximou-se, virando a face esquerda.

— Então? Que dizes? Achas que a ciência consegue dar um salto assim tão grande?

O homem assentiu com um aceno de cabeça gentil.

— As minhas desculpas. Mas mesmo na área da substituição, tenho feito grandes descobertas, por isso nada tendes a recear!

Shivers avançou meio passo com um ar ameaçador.

— Pareço-te assustado?

— Nem um pouco, claro, apenas queria dizer... bem... — Scopal aclarou a garganta e dirigiu-se às prateleiras. — A técnica que pratico atualmente em matéria de próteses oculares é...

— Que merda é essa?

— Olhos falsos — disse Monza.

— Oh, é muito mais do que isso.

Scopal fez deslizar uma prateleira de madeira, onde repousavam seis cintilantes bolas de metal. — Uma esfera perfeita do melhor aço de Midderland é implantada na órbita, onde, espera-se, permanecerá para sempre.

Tirou um tabuleiro redondo e virou-o para eles com um gesto pomposo. Estava cheio de olhos. Havia-os azuis, verdes, castanhos, todos com a cor e o brilho dos olhos verdadeiros, sendo até possível distinguir no branco de alguns um ou dois vasos sanguíneos. E, no entanto, eram tão parecidos com um olho verdadeiro como um ovo cozido.

Scopal apontou para os seus artigos com grande vaidade.

— Em seguida, um esmalte curvo como estes, pintado de maneira a condizer na perfeição com o outro olho é encaixado entre a esfera metálica e a pálpebra. Tendem a desgastar-se com o tempo, pelo que devem ser substituídos com regularidade, mas o resultado pode ser impressionante, acreditai.

Os olhos falsos fitavam Shivers sem pestanejar.

— Parecem olhos de mortos.

Seguiu-se uma pausa desconfortável.

— Colados num tabuleiro como estão, é claro que parecem, mas depois de devidamente encaixados num rosto vivo...

— Devem servir, suponho. Os mortos não mentem, pois não? Chega de mentiras.

Shivers dirigiu-se para o fundo da loja com grandes passadas, afundou-se na cadeira, esticou-se e cruzou as pernas.

— Vamos a isso, então.

— Já?

— Porque não?

— São necessárias uma ou duas horas para colocar o aço. A preparação de um par de esmaltes costuma demorar, no mínimo, duas semanas...

Monza atirou um monte de moedas de prata para cima do balcão, que tilintaram ao espalharem-se sobre a superfície de pedra. Scopal curvou a cabeça, humildemente.

— Colocarei o metal que tiver mais à mão e o resto estará pronto amanhã ao fim da tarde.

Virou a candeia para cima e a claridade intensa obrigou Shivers a tapar o olho são com uma mão.

— Terei de fazer algumas incisões.

— Algumas quê?

— Cortes — disse Monza.

— Claro que sim. Não há nada que valha a pena nesta vida que não envolva uma lâmina, certo?

Scopal remexeu nos instrumentos dispostos sobre a pequena mesa.

— Depois terei de suturar e remover os tecidos inúteis...

— Desenterrar a madeira morta? Totalmente a favor. Vamos lá começar de novo.

— Posso preparar-vos um cachimbo?

— O mais possível — ouviu Monza sussurrar.

— Estás à vontade — disse Shivers. — Nestas últimas semanas, comecei a ficar farto de dores.

O construtor de olhos curvou a cabeça e afastou-se para ir preparar o cachimbo.

— Lembro-me de quando foste cortar o cabelo — disse Monza. — Estavas tão nervoso como um cordeiro antes da primeira tosquia.

— Eh! Eh! É verdade.

— E olha para ti agora, todo entusiasmado para pôr um olho novo.

— Um homem sábio disse-me, uma vez, que é preciso ser realista. É estranho como mudamos rapidamente quando somos forçados a isso, não é?

Ela fitou-o com o sobrolho franzido.

— Vê se não mudas demasiado. Tenho de ir.

— Não tens coragem para ver alguém fazer um olho, é?

— Tenho de reencontrar um conhecido.

— Um velho amigo?

— Um velho inimigo.

Shivers sorriu.

— Melhor ainda. Tem cuidado para não te deixares matar.

E, dizendo isto, reclinou-se na cadeira, apertando bem a correia à volta da testa.

— Ainda temos trabalho a fazer.

Fechou o olho são, entrevendo o clarão rosado da candeia através da pálpebra.

O PRÍNCIPE DA PRUDÊNCIA

O grão-duque Rogont instalara o seu quartel-general nos Banhos Imperiais. O edifício, um dos mais imponentes de Puranti, projetava a sua sombra sobre metade da praça situada no extremo leste da velha ponte. No entanto, à semelhança do resto da cidade, também ele já vira séculos melhores. Metade do enorme frontão e duas das seis magníficas colunas que, em tempos, o sustentavam haviam ruído há muito, tendo as pedras sido furtadas para sustentar paredes desencontradas de construções mais recentes e menos grandiosas. Da alvenaria manchada, haviam germinado ervas, uma trepadeira morta e até duas resistentes árvores de pequeno porte. Quando da sua construção, antes de os habitantes da Styria terem começado a matar-se uns aos outros, os Banhos deviam ter sido uma prioridade importante. Tempos felizes esses, em que a principal preocupação era manter a água suficientemente quente. O edifício decrépito podia sussurrar as glórias de uma era perdida, mas era um testemunho muito pouco abonatório do longo declínio da Styria.

Isto se Monza se importasse.

Ela, porém, tinha mais em que pensar. Esperou por uma aberta entre duas companhias do exército de Rogont, que batia em retirada, endireitou os ombros e percorreu a praça com grandes passadas. Subiu os degraus rachados dos Banhos, tentando recuperar o andar elegante de outrora enquanto sentia o osso da anca saltar da cavidade a cada movimento, causando-lhe

uma pontada nas nádegas. Empurrou o capuz para trás, sem desviar o olhar do primeiro guarda, um soldado de ar experimentado e cabelos grisalhos, largo como uma porta e com uma cicatriz na face descorada.

— Preciso de falar com o duque Rogont — disse ela.

— Certamente.

— Chamo-me Mon... como?

Esperara ser obrigada a dar explicações. Que se rissem dela. Acabar pendurada numa das colunas, talvez. O que decerto não esperava era ser convidada a entrar.

— Sois a general Murcatto.

O homem contorceu a boca cinzenta num esgar que se assemelhava vagamente a um sorriso.

— Estão à vossa espera. Mas terei de ficar com a espada.

Ela entregou-a com um semblante severo, mais desagradada com isso do que se a tivessem empurrado a pontapé rua abaixo.

No salão de mármore, rodeado de colunas altas, que se abria depois da entrada, havia uma piscina enorme, cujas águas turvas exalavam um odor fétido. O duque Rogont, seu velho inimigo, estudava um mapa aberto sobre uma mesa rebatível. Envergava um discreto uniforme cinzento e comprimia os lábios, pensativo. Estava rodeado de uma dúzia de oficiais, cujos uniformes ostentavam trancelins dourados em quantidade suficiente para aparelhar uma carraca. Alguns levantaram os olhos quando ela passou pelo tanque fétido, avançando na sua direção.

— É ela — ouviu proferir um deles com uma careta.

— Mur... ca... tto — disse outro, como se até o seu nome fosse tóxico.

E para eles era-o, sem dúvida. Nos últimos anos, fizera-os passar por idiotas, e quanto mais idiota é um homem, menos deseja parecê-lo. Não obstante, *o general que se encontre em inferioridade numérica deve manter-se sempre na ofensiva*, escrevera Estólico. Aproximou-se, por isso, sem pressas, com o polegar da mão esquerda, que estava envolta numa ligadura, enfiado descontraidamente no cinto, como se aqueles Banhos fossem propriedade sua e ela estivesse em vantagem.

— Ora, ora, se não é o Príncipe da Prudência, o duque Rogont. Folgo em ver-vos, Vossa Cautela. Para quem anda a bater em retirada há sete anos, tendes aqui um admirável naipe de camaradas. Hoje, pelo menos, não é o que está a acontecer. — Calou-se, deixando que as suas palavras surtisses o efeito desejado. — Oh, mas esperai. Afinal, está.

Alguns queixos empertigaram-se, altivamente, e uma ou duas narinas

dilataram-se. Todavia, os olhos escuros de Rogont, um pouco fatigados talvez, mas ainda assim irritantemente bonitos e serenos, afastaram-se do mapa sem pressa.

— General Murcatto, que grande satisfação! Desejaria encontrar-vos após uma grande batalha, de preferência tendo-vos como uma prisioneira abatida, mas as minhas vitórias no campo de batalha têm sido escassas.

— Raras como a neve no verão.

— E vós, tão coberta de glória. Sinto-me despido sob o vosso intenso olhar vitorioso. — Espreitou para o fundo da sala. — Mas que é feito das vossas invencíveis Mil Espadas?

Monza fez um estalido com a língua.

— O Fiel Carpi tomou-as de empréstimo.

— Sem pedir a vossa autorização? Que falta de educação. Receio que agis demasiado como um soldado e muito pouco como um político. Eu sou o contrário. A palavra pode ser mais poderosa do que a espada, como disse Juvens, mas conforme descobri à minha custa, há ocasiões em que nada se substitui ao metal aguçado.

— Vivemos nos Anos de Sangue.

— Com efeito. Todos nós somos reféns das circunstâncias, e, mais uma vez, as circunstâncias não me deixam outra escolha senão ordenar uma implacável manobra de retirada. O nobre Lirozio, duque de Puranti e proprietário destes Banhos magníficos foi o aliado mais dedicado e mais combativo que se pode conceber enquanto o poder do duque de Orso se manteve a muitas léguas de distância, no outro lado das grandes muralhas de Mussélia. Havíeis de o ter ouvido ranger os dentes, mais ansioso do que nunca para se lançar ao ataque e fazer jorrar sangue.

— Os homens adoram falar de combates. — Monza passeou os olhos pelos rostos taciturnos dos conselheiros de Rogont. — E alguns também gostam de se vestir a preceito para isso. Quanto a sujar os uniformes com sangue, é outra conversa.

Os pavões menearam a cabeça furiosos, mas Rogont limitou-se a sorrir.

— Essa foi também a triste conclusão a que cheguei. E agora, graças a vós, abriu-se uma brecha nas grandes muralhas de Mussélia, Borletta caiu, também graças a vós, e Visserine foi destruída pelas chamas. O exército de Talins, auxiliado de forma competente pelas Mil Espadas, os vossos antigos camaradas, está a saquear o país mesmo às portas do próprio Lirozio. O ímpeto belicista do valoroso duque está a ser fortemente cerceado. Os homens

poderosos são tão inconstantes como um curso de água. Devia ter escolhido aliados mais fracos.

— É um pouco tarde para isso.

O duque esvaziou o ar das bochechas.

— Demasiado tarde, demasiado tarde será o meu epitáfio. Cheguei a Pinheiros Doces com uns meros dois dias de atraso e Salier, imprudente como era, decidiu combater sem mim e foi derrotado. E, assim, Caprile ficou à mercê da vossa bem conhecida ira.

Era uma versão incorreta da história, mas Monza preferiu não comentar, por enquanto.

— A Mussélia, cheguei com todas as minhas forças pronto para defender as grandes muralhas e bloquear a Falha de Etris, impedindo-vos de avançar, e descobri que havíeis tomado a cidade na véspera, que a tínheis saqueado, e agora vos preparáveis para me atacardes.

Nova facada na verdade, mas Monza decidiu não o hostilizar.

— Então, na Margem Alta, dei por mim inelutavelmente detido pelo falecido general Ganmark, enquanto o também falecido duque Salier, bastante empenhado em não se deixar enganar por vós uma segunda vez, acabou por ser enganado por vós uma segunda vez e as suas tropas dispersaram como palha empurrada por um vento forte. Por isso, Borletta... — Colocou a língua entre os lábios, virou o dedo polegar para o chão e imitou o som de um traque. — O valente duque Cantain... — Passou um dedo diante da garganta e repetiu o som. — Demasiado tarde, demasiado tarde. Dizei-me, general Murcatto, como conseguis ser sempre a primeira a chegar ao campo de batalha?

— Levanto-me cedo, cago antes da alvorada, certifico-me de que estou na direção correta e não deixo que nada me detenha. Além disso, também me esforço por lá chegar.

— E isso para dizer o quê? — perguntou um jovem que se encontrava ao lado de Rogont e cujo rosto estava ainda mais carrancudo do que os dos restantes.

— E isso para dizer o quê? — repetiu ela, arregalando os olhos como uma idiota, virando-se depois para o duque. — Que podíeis ter chegado a tempo a Pinheiros Doces, mas preferistes hesitar, ciente de que o gordo e orgulhoso Salier não conseguiria conter-se e, muito provavelmente, desperdiçaria todos os seus meios, ganhasse ou perdesse. Perdeu e fez figura de imbecil, e vós, tal como esperáveis, ficastes como o parceiro mais sensato.

Foi a vez de Rogont guardar um silêncio prudente.

— Duas temporadas mais tarde, podíeis ter alcançado a Falha a tempo e tê-la defendido contra tudo e contra todos, mas era mais conveniente para vós retardar a vossa chegada e deixar que fosse eu a dar aos arrogantes musselianos a lição que desejáveis dar-lhes. Nomeadamente, a de que deviam mostrar-se humildes perante a vossa prudente Excelência.

Um silêncio profundo descera sobre o aposento, apenas quebrado pela sua voz estridente e irritada.

— Quando percebestes que o tempo estava a esgotar-se? Que retardaras tanto o momento de intervir que os vossos aliados haviam perdido a força e estavam demasiado enfraquecidos e Orso se tornara demasiado forte? Não tenho dúvidas de que, por uma vez, gostaríeis de ter chegado a tempo à Margem Alta, mas Ganmark atrapalhou os vossos planos. No que toca a fazer o papel do aliado bom, nessa altura era já... — inclinou-se e continuou num sussurro — *demasiado tarde*. A vossa política consistia em garantir que éreis o parceiro mais forte quando a Liga dos Oito saísse vitoriosa, para poderdes ser o primeiro. Uma ideia nobre, cuidadosamente gerida. Só que, claro, Orso venceu e a Liga dos Oito... — Enfiou a língua entre os lábios e soprou, imitando o som de um longo traque, na direção da fina-flor da virilidade. — É nisto que dá chegar demasiado tarde, seus merdosos.

O mais esganiçado do grupo avançou para ela com os punhos cerrados.

— Recuso-me a ouvir mais uma palavra, sua... seu demónio! O meu pai morreu em Pinheiros Doces!

Aparentemente, todos tinham injustiças para vingar, mas Monza tinha demasiadas mágoas para se deixar tocar pelas angústias alheias.

— Obrigada — disse.

— O quê?

— Dado que o vosso pai fazia, presumivelmente, parte dos meus inimigos, e que o objetivo de uma batalha consiste em matá-los, tomo a sua morte como um elogio. Não devia ter de explicar isto a um militar.

O rosto dele transformara-se numa mancha rosa e branca.

— Se fôsseis um homem, matar-vos-ia aqui e agora.

— Se vós fôsseis um homem, quereis dizer. Seja como for, uma vez que tirei a vida ao vosso pai, é justo que vos dê algo em troca.

Enrolou a língua e cuspiu-lhe no rosto.

Ele atirou-se a ela com um movimento desastrado, e com as mãos, tal como ela previra. Um homem que precisa de ser acicatado de forma tão violenta também não será medroso quando, finalmente, se decidir a atacar. Estava preparada e desviou-se, contornando-o e agarrando-o pelos rebordos

superior e inferior da couraça dourada. Aproveitando o peso do corpo dele, rodou-o e pisou-lhe o dedo do pé com uma das botas. No momento em que ele passava por ela, indefeso e aos tropeções, com o corpo quase dobrado, meio a correr e meio em queda, ela agarrou-lhe no punho da espada e arrancou-a do cinto onde estava suspensa. Ele soltou um grito gutural e rouco quando caiu na piscina, espalhando uma chuva de borrifos cintilantes, e ela virou-se, pronta a atacar.

Rogont revirou os olhos.

— Oh, por caridade...

Os seus homens passaram por ele aos encontrões, remexendo nas espadas no meio de um coro de imprecações, quase derrubando a mesa na pressa de se acercarem dela.

— Calma, cavalheiros, por favor, calma!

O oficial voltara à superfície, entretanto, ou, pelo menos, esforçava-se por isso, esparrinhando e debatendo-se, mas empurrado para o fundo pelo peso da armadura ornamental. Dois dos adjuntos de Rogont correram a arrastá-lo para fora da piscina enquanto os restantes avançavam para Monza, empurrando-se no afã de serem os primeiros a apunhalá-la.

— Não deviam estar a bater em retirada? — ciciou ela, recuando para trás das colunas.

O que estava mais próximo atacou-a.

— Morre, maldita...

— Basta! — rugiu Rogont. — Basta! Basta!

Os seus homens franziram a testa como crianças malcomportadas a quem se dá uma repreensão.

— Não quero lutas com espadas nas termas, por favor! Estarei condenado a ser humilhado indefinidamente?

Deixou escapar um longo suspiro e, em seguida, fez um aceno com o braço.

— Saí e deixai-nos a sós!

O bigode do seu adjunto principal eriçou-se com horror.

— Mas, Excelência, deixar-vos com esta... criatura malvada?

— Não vos preocupeis, eu sobreviverei. — Fitou-os, arqueando uma sobrancelha. — Sei nadar. E agora saí, antes que alguém se magoe. Xô! Ide!

Os oficiais embainharam as espadas com relutância e saíram do aposento entre protestos abafados, levando consigo o companheiro encharcado que deixava atrás de si uma esteira de ira molhada. Monza sorriu quando atirou a sua espada para dentro da piscina, onde se afundou com um chape. Podia

não ser uma grande vitória, mas, nos dias que corriam, tinha de saborear todos os triunfos que conseguisse alcançar.

Rogont aguardou em silêncio até ficarem a sós e, então, soltou um suspiro pesado.

— Disseste-me que ela viria, Ishri.

— Ainda bem que nunca me canso de ter razão.

Monza sobressaltou-se. Uma mulher de tez escura estava deitada sobre o peitoril de uma janela alta, um ou dois passos acima da cabeça de Rogont. Tinha as pernas cruzadas, encostadas à parede, e um dos braços e a cabeça descaídos sobre a parte de trás do rebordo estreito, de maneira que o seu rosto parecia estar quase invertido.

— Já que acontece muitas vezes.

Deixou-se cair para trás e, no último momento, deu um salto, caindo, silenciosamente, de costas, ágil como um lagarto.

Monza não percebia como não reparara na sua presença logo que entrara, e essa falha não lhe agradava.

— E tu, és o quê? Uma acrobata?

— Oh, nada tão romântico. Sou o Vento Leste. Digamos que sou um dos muitos dedos da mão direita de Deus.

— Dizes disparates suficientes para seres um sacerdote.

— Nada disso, estou longe de ser algo tão seco e empoeirado como um sacerdote. — Revirou os olhos para o teto. — Sou uma crente fervorosa, à minha maneira, mas, graças a Deus, só os homens podem tomar o hábito.

Monza franziu o sobrolho.

— És uma agente do imperador gurkhês?

— Agente soa tão... clandestino. Imperador, Profeta, Igreja, Estado. Eu diria que sou uma humilde representante das Potências do Sul.

— E que representa a Styria para elas?

— Um campo de batalha — e exibiu um largo sorriso. — Gurkhul e a União podem estar em paz, mas...

— Os combates continuam.

— Sempre. Os aliados de Orso são nossos inimigos e, por conseguinte, os seus inimigos nossos aliados são. Temos uma causa em comum.

— A ruína do grão-duque Orso de Talins — murmurou Rogont entre dentes. — Queira Deus.

Monza fitou-o com uma careta.

— Oh, rezais a Deus agora, Rogont?

— A quem esteja disposto a ouvir e com o maior fervor.

A gurkhesa estava de pé, em bicos de pés, equilibrando-se na ponta dos seus longos dedos.

— E tu, Murcatto? És a resposta às preces desesperadas deste pobre homem?

— Talvez.

— E ele às tuas, quem sabe?

— Já tive muitas deceções com homens de poder, mas ainda não perdi a esperança.

— Dificilmente sereis o primeiro amigo que terei dececionado. — Rogont indicou o mapa com um aceno de cabeça. — Chamam-me o Conde da Cautela. O Duque da Delonga. O Príncipe da Prudência. E, ainda assim, desejais ter-me como aliado?

— Olhai para mim, Rogont, estou quase tão desesperada como vós. «As grandes tempestades arrastam consigo estranhos companheiros», disse Farans.

— Um homem sensato. E de que modo poderei ser útil à minha estranha companhia? E, mais importante ainda, como pode ela ser-me útil?

— Preciso de matar o Fiel Carpi.

— E porque haveríamos nós de estar interessados na morte do traíçoeiro Carpi?

Ishri avançou devagar, deixando a cabeça descair preguiçosamente para um lado e descendo-a um pouco mais ainda. Demasiado, para conseguir fitá-la sem sentir incómodo e muito menos imitá-la.

— Não há outros capitães nas Mil Espadas? Sesaria, Victus, Andiche? — Os seus olhos eram negros como breu, vazios e mortiços como as próteses do construtor de olhos. — Não quererá um desses infames abutres sentar-se na tua cadeira, desejoso de retirar dividendos da carcaça da Styria?

Rogont mostrou-se amuado.

— E assim a minha dança desgastante prossegue, só que agora com um novo par. Não consigo mais do que uma curta prorrogação.

— A lealdade desses três a Orso mede-se pelo tamanho do seu bolso. Não foi difícil persuadi-los a traírem Cosca para ficarem do meu lado, e depois a mim para se aliarem a Fiel. Basta oferecer o preço certo. Pelo preço certo e com Fiel de fora, consigo reconquistar o seu apoio e convencê-los a deixarem de servir Orso para vos servirem a vós.

Seguiu-se um silêncio demorado. Ishri ergueu as finas sobranceiras negras. Rogont deixou pender a cabeça, pensativamente, para o lado contrário. Os dois trocaram um longo olhar.

— Isso ajudaria muito a equilibrar as probabilidades.

— Tens a certeza de que consegues comprá-los? — perguntou a gurkhesa.

— Tenho. — Monza mentiu calmamente. — Eu nunca corro riscos.

Era uma mentira ainda maior, pelo que a proferiu com um ar ainda mais confiante. Não havia certezas no que dizia respeito às Mil Espadas, e muito menos relativamente aos canalhas descrentes que as comandavam. No entanto, se conseguisse matar Fiel, talvez tivesse uma hipótese. Precisava de garantir o auxílio de Rogont e depois logo se veria.

— Quão elevado seria esse preço?

— Para se virarem contra os vencedores? Mais elevado do que eu posso pagar, disso tenho a certeza.

Mesmo que tivesse à mão o que sobrava do tesouro de Hermon, a maior parte do qual enterrada a trinta passos do celeiro em ruínas que pertencera ao seu pai.

— Mas vós, duque da Óspria...

Rogont riu-se entre dentes.

— Oh, a bolsa sem fundo da Óspria. Estou empenhado até ao pescoço e mais até. Venderia o cu, se me dessem mais do que uns meros tostões por ele. Não, de mim não conseguireis dinheiro.

— E as tuas Potências do Sul? — perguntou Monza. — Disseram-me que as montanhas de Gurkhul são feitas de ouro.

Ishri moveu-se sinuosamente contra uma coluna.

— São de terra, como todas as outras. Mas é possível que nelas haja muito ouro, desde que se saiba onde escavar. Como pensas acabar com Fiel?

— Lirozio vai apresentar a rendição ao exército de Orso, mal este chegue.

— Sem dúvida — disse Rogont. — Ele é tão competente a render-se como eu sou a bater em retirada.

— As Mil Espadas avançarão para sul, na direção da Óspria, saqueando tudo à sua passagem, e as tropas talinesas segui-las-ão.

— Não é preciso um génio militar para o adivinhar.

— Descobrirei um local, algures entre cá e lá, e obrigarei Carpi a mostrar-se. Com o auxílio de um destacamento de quarenta homens, consigo matá-lo. Com um risco mínimo para cada um de vós.

Rogont pigarreou.

— Se conseguirdes fazer com que esse velho miserável e leal saia da toca onde se esconde, então também consigo disponibilizar-vos alguns homens para o abater.

Ishri olhou para Monza como Monza olharia para uma formiga.

— E quando ele repousar em paz, posso fornecer-vos o dinheiro para comprardes as Mil Espadas, se o puderdes fazer.

Se, se, se. No entanto, era mais do que Monza tinha o direito de esperar. Podia ter saído daquele encontro com os pés para a frente.

— Nesse caso, é como se já estivesse feito. Um brinde aos companheiros insólitos, não?

— Com efeito. Foste, realmente, abençoada por Deus. — Ishri soltou um bocejo extravagante. — Vieste aqui à procura de um amigo e saís com dois.

— Sou uma sortuda — replicou Monza, nada segura de poder contar com nenhum dos dois. Virou-se e dirigiu-se para a porta, raspando os tacões das botas no mármore gasto e esperando não começar a tremer antes de lá chegar.

— Só mais uma coisa, Murcatto!

Virou-se para fitar Rogont, agora sozinho junto aos seus mapas. Ishri desaparecera tão subitamente como surgira.

— Estando, como estais, numa posição de fraqueza, sentis-vos obrigada a usar todas as armas. Entendo isso. Sois o que sois, ousada ao ponto de serdes imprudente. E eu prefiro assim. Mas eu também sou o que sou. Com um pouco mais de respeito, no futuro, a nossa aliança de desespero mútuo será muitíssimo mais harmoniosa.

Monza fez uma vénia exagerada.

— Vossa Resplandecência, mais do que abatida, sinto-me um ser desprezível por vos ter ofendido.

Rogont abanou a cabeça lentamente.

— O meu oficial devia ter mesmo desembainhado a espada e ter-vos trespassado com ela.

— Era o que teríeis feito?

— Oh, tende dó. — Voltou a olhar para os mapas. — Eu ter-vos-ia pedido que cuspísseis ainda mais.

NEM RICOS, NEM POBRES

Shenkt cantarolava em silêncio enquanto percorria o sórdido corredor sem o menor ruído de passos. A melodia exata teimava em escapar-lhe. Era um excerto irritante de uma canção qualquer que a irmã costumava cantar quando ele era garoto. Conseguia ver a luz do Sol insinuar-se nos cabelos dela, a janela nas suas costas, o rosto na sombra. Tudo isso fora há muito tempo. Tudo se desvanecera, como tinta barata carcomida pelo sol. Nunca tivera muito jeito para cantar, mas, pelo menos, conseguia cantarolar e imaginava a voz da irmã a cantar com ele, o que o reconfortava.

Guardou a faca e o pássaro esculpido. Estava quase pronto, mas o bico estava a dar-lhe algum trabalho e não queria parti-lo com a pressa de terminar. Paciência. Uma virtude tão essencial para um entalhador como para um assassino. Parou diante da porta. Era de madeira de pinho, clara e lisa e muito nodosa, presa por dobradiças frágeis, vendo-se um fio de luz através de uma fenda. Por vezes, desejava que o seu trabalho o levasse a lugares mais agradáveis. Levantou uma bota e arrombou a fechadura com um único pontapé.

Oito pares de mãos saltaram para as respetivas armas quando a porta voou em estilhas e saltou dos gonzos. Oito rostos duros, sete homens e uma mulher, voltaram-se rapidamente para ele. Shenkt reconheceu quase todos. Estavam entre os que se haviam ajoelhado em semicírculo, na sala do trono de Orso. Assassinos, incumbidos de descobrir o paradeiro dos assassinos do príncipe Ário. Seus companheiros, em certo sentido, naquela perseguição.

Isso, se as moscas pousadas numa carcaça puderem ser vistas como companheiras do leão que mata a presa. Nunca esperara que gente daquele calibre se adiantasse a ele na sua busca, mas há muito que deixara de se surpreender com as voltas que a vida dava. Contorceu-se como uma serpente agonizante.

— Cheguei em má altura? — perguntou.

— É ele.

— O que se recusou a ajoelhar.

— Shenkt.

As últimas palavras foram proferidas pelo homem que barrara o seu caminho na sala do trono de Orso. E a quem aconselhara a rezar. Shenkt tinha esperança de que ele tivesse seguido o seu conselho, mas não lhe parecia provável. Alguns dos presentes descontraíram depois de reconhecerem o seu rosto e, tomando-o como um deles, empurraram as lâminas que haviam desembainhado até meio.

— Muito bem. — Um homem com o rosto marcado por cicatrizes e cabelo preto comprido aparentava ser o chefe do grupo. Estendeu o braço e, com um movimento delicado do dedo, empurrou o arco que a mulher segurava para o chão. — Chamo-me Malt. Chegas mesmo a tempo de nos ajudar a apanhá-los.

— Quem?

— Aqueles que estamos a ser pagos para descobrir por Sua Excelência, o duque Orso, quem mais poderia ser? Estão na casa de fumo, além.

— Todos?

— A cabecilha, pelo menos.

— E como sabes que é o homem certo?

— Mulher. O Pello conhece-a, não conheces, Pello?

Pello possuía um bigode irregular e um ar suado e angustiado.

— É Murcatto. A mesma que comandou os exércitos de Orso em Pinheiros Doces. Esteve em Visserine ainda não há um mês. Prendi-a e eu próprio a interroguei. Foi aí que o nórdico perdeu o olho.

O nórdico que se chamava Shivers, conforme dissera Sajaam.

— No palácio de Salier, onde, passados alguns dias, matou Ganmark, o general de Orso.

— A Serpente de Talins em pessoa — disse Malt, orgulhoso — e viva. Que tal?

— Estou impressionado.

Shenkt aproximou-se da janela devagar e espreitou para a rua. Um lugar miserável para um general famoso, mas assim era a vida.

— Tem alguém com ela?

— Só esse tal nórdico. Não é um problema. A Nim Sortuda e dois rapazes que trabalham com ela estão à espera no beco, nas traseiras da casa. Quando o relógio grande voltar a dar horas, nós entramos pela porta da frente. Não terão por onde fugir.

Shenkt fitou os rostos desconfiados, um por um, e deu uma oportunidade a cada um deles.

— Estais todos decididos a levar isto por diante? Todos vós?

— Claro que estamos, porra. Aqui não há cobardes, meu amigo. — Malt fitou-o com os olhos semicerrados. — Entras connosco?

— Convosco? — Shenkt respirou fundo e soltou um suspiro. — «As grandes tempestades arrastam consigo estranhos companheiros.»

— Vou entender isso como um sim.

— Não precisamos deste merdas.

Quem falara era o mesmo que Shenkt aconselhara a rezar, que manuseava um punhal curvo com gestos vistosos. Um sujeito com pouca paciência, estava visto.

— Proponho que lhe cortemos a garganta e, assim, é menos um com quem temos de repartir a recompensa.

Malt fê-lo baixar o punhal com um gesto delicado.

— Ora, ora, não há necessidade de sermos gananciosos. Já participei em golpes em que todos estão mais preocupados com o dinheiro do que com o que têm de fazer e passam o tempo a espreitar por cima do ombro, desconfiados. É mau para a saúde e para o negócio. Ou fazemos isto de forma civilizada, ou não fazemos. Que dizem?

— Eu sou a favor de agir de forma civilizada — disse Shenkt. — Por favor, vamos matar como homens honestos.

— Exatamente. Aquilo que Orso nos paga chega e sobra para todos. Basta um quinhão igual para cada um para todos ficarmos ricos.

— Ricos? — Shenkt esboçou um sorriso triste enquanto abanava a cabeça. — Os mortos não são nem ricos, nem pobres.

Uma expressão de ligeira surpresa começava a assomar ao rosto de Malt quando o dedo indicador de Shenkt o cortou em duas metades perfeitas.

Shivers estava sentado na cama sebenta encostado à parede imunda com Monza deitada sobre ele. A sua cabeça descansava no seu colo e a respiração era sibilante e pouco profunda. O cachimbo, de onde se soltava um sinuoso

fio de fumo castanho, pendia ainda da mão esquerda, envolta numa ligadura. Ele seguiu-o com o sobrolho franzido, vendo como se insinuava nos feixes de luz, ondulando e espalhando a sua doce neblina pelo quarto.

A capuchinha fazia bem à dor. Demasiado bem, na opinião de Shivers. De tal maneira que era preciso sempre mais. De tal maneira que, passado algum tempo, dar uma topada parecia justificação suficiente. Todo aquele fumo sugava o vigor de uma pessoa, amolecia-a. Talvez Monza tivesse mais vigor do que desejava, mas ele não acreditava nisso. O fumo fazia-lhe cócegas no nariz e deixava-o nauseado e carente ao mesmo tempo. Sentiu comichão no olho tapado pelas ligaduras. Não seria difícil fazê-lo. Que mal tinha...?

Uma inesperada sensação de pânico fê-lo contorcer-se para se libertar do peso do corpo dela, como se tivesse sido enterrado vivo. Monza reagiu com um murmúrio irritado e, em seguida, deixou-se cair de costas, com as pálpebras trémulas e o cabelo colado ao rosto pegajoso. Shivers fez deslizar a lingueta e abriu as frágeis persianas da janela, que dava para um beco nojento nas traseiras do edifício, e foi atingido em cheio por uma lufada de ar frio impregnada do odor a urina. Pelo menos, era um cheiro honesto.

Em baixo, junto a uma porta, estavam dois homens e uma mulher com uma mão virada para cima. Um sino repicou numa torre alta situada na rua ao lado. A mulher fez um aceno de cabeça e os homens sacaram de uma espada brilhante e de uma pesada maça. Ela abriu a porta e eles precipitaram-se para o interior.

— Merda — ciciou Shivers, sem conseguir acreditar no que via.

Eram três, e a avaliar pela forma como estavam à espera, o mais provável era que houvesse outros prontos a entrar pela porta da frente. Era demasiado tarde para fugir. A verdade, porém, era que Shivers estava cansado de fugir. Afinal, ainda lhe restava uma ponta de orgulho, certo? E fora a sua decisão de fugir do Norte para rumar à maldita Styria que o deixara sem um olho e naquele estado lastimoso.

Estendeu o braço para Monza, mas parou antes de lhe tocar. No estado em que se encontrava, não teria qualquer utilidade para ele. Deixou-a estar, sacou da faca pesada que ela lhe dera no dia em que se haviam conhecido. Sentiu o punho firme na mão e agarrou-o com força. Eles deviam estar mais bem armados, mas armas grandes valiam pouco em espaços pequenos. Tinha o fator surpresa do seu lado e essa era a melhor arma que um homem podia ter. Refugiou-se nas sombras atrás da porta, sentindo o coração palpitar-lhe no peito e a respiração queimar-lhe a garganta. Não era medo, evidentemente, apenas um estado de frenética prontidão.

Ouviu os seus passos suaves na escada e obrigou-se a conter uma gargalhada. Ainda assim, foi incapaz de reprimir um risinho abafado, sem perceber porquê, pois a situação nada tinha de divertido. Ouviu um rangido seguido de uma imprecação murmurada entre dentes. Não eram os assassinos mais astutos do Círculo do Mundo. Mordeu o lábio, tentando fazer com que as costelas parassem de tremer. Monza mexeu-se e estirou-se sobre o cobertor ensebado com um sorriso.

— Benna... — murmurou.

A porta abriu-se abruptamente e o espadachim saltou para dentro do quarto. Monza abriu os olhos turvos.

— Que m...

O segundo homem invadiu o aposento como um imbecil, desequilibrando o companheiro e levantando a maça, cuja extremidade raspou o teto baixo e arrancou um bocado do reboco. Parecia estar a oferecê-la. Teria sido uma indelicadeza recusar a sua oferta, por isso, Shivers arrancou-lha da mão ao mesmo tempo que apunhalava o primeiro homem nas costas.

A lâmina entrou e saiu do corpo dele. Uma série de punhaladas rápidas e silenciosas, até ao punho. Shivers rugiu entre dentes, soltando agora o riso contido pouco antes enquanto aplicava cutiladas sucessivas. A cada punhalada, o homem deixava escapar um silvo de surpresa e, sem perceber muito bem o que estava a suceder, virou-se e arrancou a faca da mão de Shivers.

O outro voltou-se, com os olhos muito abertos, demasiado próximo para atacar.

— Que...

Shivers atingiu-o no nariz com a ponta da maça, sentindo-o estalar, e empurrou-o contra a lareira vazia. Os joelhos do homem apunhalado cederam, a ponta da sua espada ficou presa na parede por cima de Monza e ele caiu em cima dela. Aquele deixara de ser um problema. Shivers deu um passo curto e fletiu os joelhos para evitar que a maça batesse no teto, rugindo enquanto brandia o enorme pedaço de metal. Este atingiu o seu antigo dono na testa, esmagando-a com um ruído seco, e abriu-lhe um rombo no crânio que salpicou o teto de sangue.

Alguém gritou atrás de si e ele virou-se. A mulher precipitava-se porta adentro com uma espada curta em cada mão. Monza esticou a perna ao tentar desembaraçar-se do corpo sem vida do espadachim e fê-la tropeçar. Uma coincidência feliz. O grito da mulher passou da fúria à surpresa quando tombou nos braços de Shivers, atrapalhando-se com uma das facas.

Ele agarrou-lhe o outro pulso enquanto caía sobre o cadáver do homem da maça e bateu com a cabeça na parede lateral da chaminé, ficando momentaneamente cego.

Continuou a segurar-lhe no pulso com força e sentiu as unhas dela rasgarem-lhe as ligaduras. Ambos rugiram, estupidamente. Os cabelos dela pendiam e faziam-lhe cócegas enquanto ela, com a língua presa entre os dentes e usando o peso do corpo, tentava empurrar a lâmina na direção do pescoço dele. O hálito dela cheirava a limão. Ele torceu o corpo violentamente e esmurrou-a por baixo do maxilar, empurrando-lhe a cabeça e enterrando-lhe os dentes na língua.

Ao mesmo tempo, feriu-se no braço com a espada e pouco faltou para a ponta atingir o ombro de Shivers, que se atirou para trás com um sacão. Atrás dela, surgiu o rosto pálido de Monza, que mal conseguia manter os olhos focados. A mulher soltou um rugido e tentou soltar-se. Um novo e atabalhoado golpe de espada atingiu-a no alto da cabeça e fê-la cair de lado. Monza tentou encostar-se à parede, mas tropeçou na cama e quase se esfaqueava quando a espada se soltou da sua mão e caiu. Shivers arrancou a lâmina da mão flácida da mulher e cravou-a até ao punho no seu maxilar, soltando um jorro de sangue que salpicou a camisa de Monza e a parede.

Desembaraçou-se do emaranhado de braços e pernas, tateou em volta à procura da maça, arrancou a sua faca das costas do espadachim e prendeu-a ao cinto, e cambaleou até à porta. O corredor estava deserto. Agarrou Monza pelo pulso e puxou-a. Ela fitava-o fixamente, coberta com o sangue da mulher.

— O que... o que...

Passou o braço mole dela sobre o seu ombro e carregou-a através da porta e escada abaixo, ouvindo o matraquear das botas dela nos degraus. Saiu pela porta das traseiras da casa que se encontrava aberta ao encontro do dia claro. Ela cambaleou e vomitou contra a parede. Soltou um gemido e teve outra náusea. Ele empurrou o cabo da maça para dentro da manga, deixando a extremidade ensanguentada junto ao punho, pronta a usar, caso fosse preciso. Enquanto o fazia, apercebeu-se de que estava novamente a rir-se à socapa. Não percebia porquê. Continuava a não ter piada. Bem pelo contrário. E, no entanto, não conseguia parar de se rir. Monza deu um ou dois passos vacilantes, com o corpo praticamente dobrado.

— Tenho de deixar de fumar — murmurou, cuspidando bile.

— Claro que tens. Mas só quando o meu olho voltar a crescer.

Agarrou-a pelo cotovelo e arrastou-a atrás de si pelo beco fora até à rua

ensolarada e movimentada. Parou na esquina, olhou para um lado e para o outro, pôs, novamente, o braço dela sobre os seus ombros e afastou-se.

Não havia mais ninguém no quarto além dos três cadáveres. Shengt aproximou-se calmamente da janela, tendo o cuidado de evitar o sangue derramado sobre o soalho, e espreitou para a rua. De Murcatto e do nórdico sem um olho, nem sinal. Fosse como fosse, sempre era melhor que tivessem fugido em vez de serem encontrados por outros que não ele. Isso, ele não deixaria que acontecesse. Quando Shengt aceitava um trabalho, nunca o deixava pela metade.

Agachou-se com os antebraços apoiados nos joelhos e as mãos descaídas. Murcatto e o nórdico sem um olho haviam deixado aqueles três num estado deplorável que não era pior do que aquele em que ele próprio deixara Malt e os seus sete amigos. As paredes, o chão, o teto, a cama estavam salpicados e tingidos de vermelho. Junto à lareira, jazia um homem com o crânio transformado numa polpa. O outro estava caído de bruços, com as costas da camisa empapadas de sangue que jorrava dos rasgões feitos por golpes de punhal. A mulher tinha um corte fundo no pescoço.

Era a Nim Sortuda, deduziu. Pois a sorte parecia tê-la abandonado.

— Passas a chamar-te apenas Nim, portanto.

Viu algo cintilar num dos cantos do aposento, junto à parede. Baixou-se para apanhar o objeto e ergueu-o contra a luz. Era um anel de ouro com um enorme rubi vermelho-sangue. Um anel demasiado valioso para pertencer a algum daqueles canalhas. Pertenceria a Murcatto? E exalaria ainda o calor do seu dedo? Enfiou-o no seu e depois agarrou no tornozelo de Nim e arrastou o seu cadáver até à cama, cantarolando em silêncio enquanto a despia.

A pele da coxa direita estava a escamar, pelo que agarrou a perna esquerda e cortou-a, incluindo a nádega, com três golpes certos do seu cutelo. Separou o osso da articulação da anca com uma rápida torção dos pulsos, arrancou o pé com dois rápidos golpes da lâmina curva, envolveu a perna cortada no cinto da mulher de maneira a mantê-la dobrada e enfiou-a no saco.

Um bife de alcatra, alto e frito. Trazia sempre consigo uma mistura especial de quatro especiarias de Suljuk, moída ao seu gosto, e o azeite da região em torno de Puranti tinha um sabor delicioso com um travo de nozes. Para completar, sal e pimenta moída. O segredo de uma boa carne estava no tempero. Rosada no meio, mas sem sangue. Shengt nunca percebera por que razão certas pessoas gostavam de carne mal passada. Só a ideia lhe causava

náuseas. Para acompanhar, umas cebolas bem estaladiças. Também podia cortar a perna em cubos e fazer um estufado, com tubérculos e cogumelos, e fazer um caldo com os ossos, temperando-o com umas gotas do velho vinagre de Muris para...

— Realçar o sabor.

Fez um aceno de cabeça, limpou o cutelo com cuidado, pôs o saco ao ombro, virou-se para a porta e... parou.

Ao passar por uma padaria, um pouco antes, vira uns belos pães estaladiços acabados de cozer expostos na montra. O cheiro a pão fresco. O odor magnífico da honestidade e da bondade simples. Gostaria muito de ter sido padeiro, se não se tivesse tornado... no que era. Se nunca tivesse conhecido o seu antigo mestre. Se nunca tivesse seguido o caminho que lhe fora traçado e se nunca se tivesse revoltado contra ele. Que bom seria aquele pão, pensou, cortado em fatias e barrado com uma generosa camada de paté rústico. Acompanhado com um pouco de compota de marmelo, talvez, ou outra parecida, e de um bom copo de vinho. Tornou a sacar da faca e espetou-a nas costas de Nim para lhe tirar o fígado.

Afinal, de nada lhe servia agora.